

## A busca por uma educação plural: coexistência cultural cigana e afirmação identitária.

Autor (Matheus Barbosa Martins); Orientadora (Josiane de Paula Nunes)

(Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG. matheusmartinsuemg@gmail.com)

**Resumo:** Neste artigo teremos como foco a educação cigana, caracterizando a resistência ao esquecimento e silenciamento da identidade de uma etnia estrutural do território brasileiro.

Observando as interações entre culturas esteticamente opostas<sup>1</sup>, buscando uma valorização dessa coexistência cultural como um processo histórico de resistência e reafirmação. Com o objetivo de instruir os profissionais do sistema educacional, capacitando no diálogo com as diferenças tanto individuais como coletivas.

A especificidade do tema cigano deriva de uma demanda reconhecida pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no “*Decreto de 25 de maio de 2006: Institui o Dia Nacional do Cigano.*” contemplando a temática cigana na inserção do ensino a população em situação de itinerância geografia. Entretanto, a provocação desta produção tem o foco na elaboração de uma educação histórica propriamente particular dessa população itinerante, que possuem além de uma linguagem própria, o “Romani”, e uma estruturação cultural que se apresenta diferente ao coexistir com a cultura propriamente reconhecida como brasileira.

O objetivo do sistema educacional que visa construir um conceito de cidadania e inclusão social, acaba sendo generalizado na colocação de termos, considerando que o conceito de “cidadão” para os ciganos acaba sendo estritamente distinto, reconhecer as diversidades e diferenças do ensino é fundamental para concretizar o princípio de igualdade. O desafio desta abordagem apresenta um longo caminho a percorrer na construção do conhecimento histórico dentro da cultura de povos nômades.

**Palavras-chave:** Educação, Cultura, Resistência, Ciganos.

O início desta produção só foi possível com o contato com as fontes de conhecimento acadêmico dos povos ciganos, através de troca de e-mails com a Embaixada Cigana Brasileira que proporcionou materiais com um conhecimento muito elucidado sobre esse povo, e permitiu ter uma nova perspectiva sobre este tema. A determinada resignificação da imagem personificada do cigano em nossos imaginários, está sendo fundamental para pensar a problemática do ensino de História para as comunidades ciganas.

Antes de tudo, devemos salientar qual o tipo de história que buscamos pensar, seja de forma problemática ou consolidante, é necessário reconhecer que até mesmo o conceito de “história” para esse povo é estritamente divergente ao nosso, pois, em sua maior parte, as concentrações de ciganos possuem uma cultura baseada na

---

<sup>1</sup> Florência Ferrari – Um olhar Oblíquo: contribuições para o imaginário ocidental sobre o cigano. (2002)

oralidade, transmitindo seus conhecimentos de forma hierárquica fundamentada num tradicionalismo familiar, e quem possui maior autoridade no ensino dentro das comunidades são os considerados “anciões” ou mais experientes.

É importante ressaltar que a própria palavra que usamos ao nos referir aos povos ciganos carrega um preconceito, pois, essas pessoas em sua essência não necessariamente se reconhecem como “ciganos”, assim como os autóctones dessa região não se referiam uns aos outros de “índios”.

Na maioria das vezes, e dos países, somos vistos pela sociedade majoritária como um grupo homogêneo e reduzido a generalização com o uso do vocabulário cigano. Muito raramente somos percebidos como indivíduos e vistos simplesmente através de um rótulo definido por ciganos. Não há no planeta, um único Cigano que possa atender a todos os estereótipos que existam a nosso respeito.<sup>2</sup>

Possuímos um olhar sobre o outro que é construído de forma social e educacional sobre valores particulares do nosso próprio meio, delimitando fronteiras conforme decidimos estar entre iguais e destacando o diferente como não pertencente.

*“(...) a cultura só emerge quando confrontada com a outra e se percebe diferente”<sup>3</sup>*

Logo o papel do professor nesta abordagem carrega a função de mediar o diálogo e o debate entre esses grupos, ciganos e não ciganos (também conhecidos como Gadjô, na língua Romani), tentando estabelecer pontes de conhecimento entre culturas colocadas como distintas entre si, seja entre valores, costumes, ritos, crenças, danças e dentre outras características de destaque que diferencia estas unidades. *“(...) todas essas são determinações historicamente construídas, e todas elas estão em permanente mudança”<sup>4</sup>*

É extremamente importante dentro desse diálogo, na qual a comunidade pedagógica se responsabiliza a estimular o exercício do ouvir, e neste caso decido antes de tudo dar ouvidos primeiramente a quem desejamos conhecer melhor, ou que possuímos poucas informações, trazendo um contra fluxo desta aversão ao diferente, foi então que o contato com a Embaixada Cigana Brasileira se deu extremamente importante para o desenvolvimento desta produção. A abertura proporcionada por Nicolas Ramanush (presidente da Embaixada Cigana) na construção de conhecimento acadêmico e de qualidade sobre o seu povo e muitos outros, possibilitou um grande aprendizado que venho divulgar, atrelado com o conhecimento do Decreto que entrou em vigor em 2006 com o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, como uma das medidas direcionadas especificamente a essa minoria étnica, recentemente adotadas pelas Secretarias Especiais de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e dos Direitos Humanos (SEDH) da Presidência da República.

**PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA - CASA CIVIL - SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS**

**Decreto de 25 de Maio de 2006: Institui o Dia Nacional do Cigano.**

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA**, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso II, da Constituição,

<sup>2</sup> por Nicolas Ramanush, grupo sinti-valshrike, presidente da Embaixada Cigana do Brasil - Phralipen Romane. Cultura cigana, nossa História por nós, Parte II. 2002, p. 2.

<sup>3</sup> (Bhabha, Homi K. O local da cultura - 1998)

<sup>4</sup> BURBULES, Nicholas C. – Uma gramática da diferença p. 183

**DECRETA:** Art. 1º Fica instituído o Dia Nacional do Cigano, a ser comemorado no dia 24 de maio de cada ano. Art. 2º As Secretarias Especiais de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos da Presidência da República apoiarão as medidas a serem adotadas para comemoração do Dia Nacional do Cigano. Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação. Brasília, 25 de maio de 2006; 185º da Independência e 118º da República.  
LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA  
Dilma Rousseff <sup>5</sup>

Um dos objetivos que tento alcançar com esta produção é a provocação de uma determinada empatia para com o tema, desenvolvendo uma sensibilidade quase que necessária, ao lidar com povos desconhecidos e restritos entre os grupos. Não podemos esquecer, que esta é a expressão de uma tendência política na qual possibilita aos grupos divergentes, discutir sua singularidade e seus traços distintivos, colocando uma contraposição a concepção que adotamos sobre comunidade, solidariedade ou consenso liberal, e ao lidar com o tema, buscar enfatizar necessidades e interesses em comum. É necessário termos em mente, que a separação desses grupos expressa os modelos sociais e psicológicos de identidade e subjetividade, ressaltando aspectos internamente fragmentados e performativos da personalidade e da ação humana.<sup>6</sup>

Trago uma responsabilidade para com esse público que nos referimos de “ciganos”, não apenas para um consumo empírico e filosófico desta produção em meios acadêmicos, mas na participação mútua de pessoas com hábitos de convívio diferentes, e possibilitar a construção de uma ideia de educação baseada no respeito às culturas etnicamente divergentes.

Acredito que a disseminação deste tema não se dá de uma forma simplificada, pois o conceito deve primeiramente ser traduzido para a linguagem popular, é necessário primeiramente a desmistificação da imagem permeada no senso comum sobre o “cigano” com a intenção de conseguirmos compreender a multiplicidade de fatores culturais que existem dentro do que consideramos como “povos nômades”. A educação se inicia antes de tudo na abordagem com a qual nos referimos ao tema, pois é notável a bagagem social que o termo “cigano” carrega, exercendo um papel histórico construído em nosso imaginário de ordem e associação ao crime, contrabando, ilegalidade, e marginalização como um todo.

E os educadores devem observar como essas relações se manifestam no espaço da sala de aula, e de que maneira podemos interferir e realmente provocar uma ressignificação da problemática, sem cair em armadilhas intelectuais alimentadas por nossos preconceitos.

“Mesmo a reivindicação aparentemente mais inclusiva para “celebrar a diversidade” muitas vezes significa apenas a exorcização da diferença, do Outro, como algo exótico, fascinante ou curioso – mas ainda visto e avaliado em função de um ponto de vista dominante”<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> RESOLUÇÃO Nº 3, DE 16 DE MAIO 2012 (\*)

Define diretrizes para o atendimento de educação escolar para populações em situação de itinerância.

<sup>6</sup> BURBULES, Nicholas C. – Uma gramática da diferença. p.175

<sup>7</sup> BURBULES, Nicholas C. – Uma gramática da diferença. p.179

## CIGANOS NA CAMPANHA

Século XXIII

Em nossas andanças por vários Estados brasileiros, encontramos diversas vezes acampamentos de ciganos, figuras nômades que sempre despertam atenção por seus costumes diferentes dos nossos. A Antropologia nos ensinou que são eles originários da Europa Central e que o Brasil os recebeu desde cedo.

Pesquisando nos livros de batismo da Cúria da Campanha, no volume referente ao ano de 1784 encontramos o assentamento que julgamos interessante e merecedor de uma transcrição.

«FELISBERTO-aos seis de dezembro de mil setecentos e oitenta e quatro, nesta Matriz da Campanha batizei e pus os santos óleos ao inocente Felisberto nascido a vinte e cinco novembro próximo passado no Arraial de São Gonçalo desta Paroquia, filho legítimo de Luís José Souto e Luzia da Costa Corte, ciganos viandantes. Foram padrinhos o Juiz Ordinário Quartel Mestre Francisco Lopes da Silva, casado e o Alferes Manoel de Paiva Silva, com procuração de sua mulher D. Maria Bueno do Prado.

O Coadjutor Domingos da Silva Lobo.

A expressão «ciganos viandantes» mostra a vida nômade que levavam não se fixando nunca. Suas constantes viagens eram feitas a cavalo e seguidos de grandes carroças onde acomodavam as famílias e utensílios.

Hoje, vemos-os em caminhões pelas estradas do sul de Minas, como um continuação do passado, mas demonstrando que o progresso os descaracterizou. Os nomes aporuguesados, pois seus antepassados eram estrangeiros, nos fazem pensar na antiguidade dessas famílias em solo brasileiro, ou a modificação sofrida logo ao chegarem, como se deu no nordeste com o inglês Henry Koster, que passou a ser conhecido como Henrique da Costa. Ou o caso do do Maranhão, em que o Beckmann se transformou em Bequimão.

Thalita de Oliveira Casadei

Venho trazer nessa abordagem a possibilidade de utilização do tema “ciganos” como um exercício de ensino ao respeito e a diferença cultural, desenvolvendo práticas educacionais para conhecer outras culturas, e enxergar como populares em nosso meio, sem folclorizar, simplificar ou até mesmo empobrecer sua história.

### Contato com a fonte.

Surgiu a oportunidade de estudar alguns arquivos do Centro de Memória do Sul de Minas (CEMEC) atualmente utilizado como laboratório de pesquisa histórica da UEMG para o curso de história, na qual estou cursando minha graduação atualmente. Eis que encontro algumas notícias do Jornal Voz Diocesana, um jornal regional da cidade de Campanha, sul de Minas Gerais, promovido e divulgado pela Igreja Católica e seu Bispado.

Na edição de agosto de 1976, uma notícia da chegada de um circo e um acampamento familiar cigano na cidade de Campanha, junto a matéria há também a menção de um relato histórico que relaciona a história da cidade com à história dos ciganos, onde afirmava a existência de registros de batismo sobre uma comunidade cigana em 1784, com a qual o padre da cidade batizou uma família de ciganos em sua caravana. A fonte citada contribuirá para uma pesquisa mais elaborada e aprofundada, futuramente na minha produção do tema dos povos ciganos. É memorável a maneira como a autora da matéria coloca seu posicionamento explícito de que “o progresso os descaracterizou”. Logo uma reflexão sobre o progresso da nação brasileira mediante as minorias, dentro do contexto de 1976 no qual era feita a produção da matéria jornalística, revela uma crítica direta na maneira como a sociedade de se

(83) 3322.3222

contato@ceduce.com.br

[www.ceduce.com.br](http://www.ceduce.com.br)

relacionava com esses grupos. É importante ressaltar, que a produção e divulgação do jornal era de cunho responsável da Igreja Católica da região, ou seja, as linhas críticas escritas por Thalita de Oliveira Casadei, se transforma num posicionamento político, mesmo que ínfimo, porém impactante e um tanto curioso, disseminando a posição da religião no seu âmbito regional.

Devemos nos atentar também, que não sabemos ao certo de qual clã cigano a autora da matéria está se referindo, um dos principais focos dessa produção é enaltecer a diversidade heterogênea desse grupo, um movimento quase que oposto da produção deste jornal. Logo a fonte se encontra escassa no que se refere ao conhecimento do tema cigano.

A responsabilidade da escassez de conhecimento sobre essas pessoas tão curiosas e “exóticas” pra população sul mineira, não é apenas da escritora Thalita Casadei, nem tanto do Jornal Voz Diocesana, é importante estamos cientes que a produção de conhecimento sobre a temática só foi possível num recorte recente do tempo cronológico, com alguns desenvolvimentos acadêmicos direcionados para a obtenção do conhecimento sobre “ciganos”, respaldados pelo decreto do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Embora seja uma abordagem um tanto quanto generalizada, é de suma importância o reconhecimento desses agentes sociais na história local, observar como a interação com o público se dá de maneira transformadora, com a qual a autora coloca sua crítica ao progresso. Acredito que para além do “progresso” levantado, é necessário observarmos como a interação desses povos, de maneira xenofóbica e não tão saudável socialmente, gera problemas de aculturação nessas pessoas classificadas como diferentes.

Logo, a descaracterização da etnia cigana pelos seus membros por muito tempo vem sendo utilizada no sentido de busca de uma suposta mescla, ou adequação cultural, entretanto, é notável a que esse movimento apenas silenciou e oprimiu a resistência das características do povo chamado de cigano. Não podemos enquadrar o cigano no nosso ideal de sociedade estruturada, devemos observar que para além da interação com o público, nos espaços públicos, o cigano se faz pertencente desse papel de figura pública, e muitas vezes pinta a paisagem do cenário urbano, sendo um agente extremamente atuante.

### **A popularização do tema.**

A oposição cultural dos povos “ciganos” acontece de forma estética com a nossa, principalmente pois os fatores visuais se dão de forma imagética, destacando uma cultura baseada em conceitos mais orientais, exemplificados na indumentária de vestes que diferem da nossa. É notável que ainda desconhecemos muito sobre essas pessoas, mas acredito no processo de uma possível resistência a ser levantada futuramente, derivado do reconhecimento com base no respeito a essa diferença.

Para isso é necessária uma reflexão conjunta entre as comunidades, na finalidade de expansão e desenvolvimento de um conhecimento legítimo do assunto, com o intuito de uso dentro do ambiente escolar e dentro de ambientes ocupados pela cultura “cigana”. Entretanto, é fundamental entender e valorizar a coexistência desses

grupos, de uma forma onde uma cultura não se comporte de maneira sobreposta ou excludente da diferente.

O movimento de resistência na qual me refiro no ensino de história desse grupo que chamamos de “ciganos” apresenta-se no âmbito cultural, pois, dentro de algumas comunidades “ciganas” o ensino das crianças primeiramente é estabelecido na linguagem do Romani, um dialeto especificamente próprio do grupo Rom, mas também utilizado entre outros grupos \ clãs, ou então, melhor se referir a eles como “Natsia”, que significa grupo, tribo, clã, nação, povo, dentro do idioma Romani.

“Art. 2º Visando à garantia dos direitos socioeducacionais de crianças, adolescentes e jovens em situação de itinerância os sistemas de ensino deverão adequar-se às particularidades desses estudantes.”<sup>8</sup>

Surge então, a necessidade de instrução dos profissionais do ensino educacional com o objetivo de aperfeiçoar uma interação, ou um possível contato com um grupo “cigano” sem necessariamente ser fluente na linguagem romani, entretanto, estar preparado e ciente que neste contato educacional existe muito mais um aprendizado do que um ensino de fato. Guiando uma responsabilidade de exercer um posicionamento tanto político como científico nesta abordagem, construindo caminhos coletivos sem necessariamente simplificar ou problematizar de forma errada.

“Art. 5º Os cursos destinados à formação inicial e continuada de professores deverão proporcionar aos docentes o conhecimento de estratégias pedagógicas, materiais didáticos e de apoio pedagógico, bem como procedimentos de avaliação que considerem a realidade cultural, social e profissional do estudante itinerante como parte do cumprimento do direito à educação.”<sup>9</sup>

Mostrar que é possível obter relações formais entre esses grupos que foram historicamente colocados como opostos, significa um movimento de apresentação entre eles, sem necessariamente impor uma educação direcionada e específica.

“Além disso, a consulta aos órgãos de fomento e aos bancos de tese de nossas instituições de ensino e pesquisa revelou à equipe técnica uma incipiente produção acadêmico-científica dedicada aos ciganos no Brasil – seja em sua dimensão histórica, econômica, política, sociológica ou artístico-cultural. Isso vinha dificultar mais ainda a formação de uma massa crítica que pudesse assegurar aos agentes dos órgãos federais uma interlocução qualificada. Interlocução que lhes permitisse compreender, equacionar, gerenciar e atender satisfatoriamente às demandas crescentes desses grupos.”<sup>10</sup>

A educação cigana dentro do território brasileiro, tem especificidades diferentes das comunidades ciganas encontradas em outros lugares do mundo, levando em consideração a construção da nacionalidade desse povo que possui características próprias que levou a um embate cultural no âmbito da história. “*Apesar dos golpes*

---

<sup>8</sup> RESOLUÇÃO Nº 3, DE 16 DE MAIO 2012 (p.1)

Define diretrizes para o atendimento de educação escolar para populações em situação de itinerância.

<sup>9</sup> RESOLUÇÃO Nº 3, DE 16 DE MAIO 2012 (p.2)

Define diretrizes para o atendimento de educação escolar para populações em situação de itinerância.

<sup>10</sup> Os Ciganos e as Políticas de Reconhecimento: Desafios Contemporâneos de Marco Antonio da Silva Mello & Felipe Berocan Veiga - PGA/ICHF-UFF e LeMetro/IFCS-UFRJ. (85) 3322.3222

*da animosidade" e do "abraço forçado da assimilação", são cada vez mais expressivos os movimentos dos ciganos, tanto na Europa quanto no Brasil, de luta por reconhecimento." (Mello & Veiga)*

### **Considerações Finais:**

Um dos objetivos do sistema educacional brasileiro, assume a responsabilidade de construir um conceito de cidadania e inclusão social, e mais uma vez, acaba caindo numa generalização na colocação de seus termos, considerando que o conceito de "cidadão" para os ciganos acaba sendo estritamente distinto, reconhecer as diversidades e diferenças do ensino é fundamental para concretizar o princípio de igualdade.

"A generalização é uma dedução baseada na reunião de propriedades particulares, que por inferência dá como resultado a atribuição dessas mesmas propriedades a pessoas similares, que na realidade não são idênticas. Nós, indivíduos da comunidade chamada de cigana, somos membros de comunidades muito heterogêneas, sendo que há grupos que se diferenciam entre si e negam a autenticidade da identidade cigana de outros."<sup>11</sup>

Justamente, quanto mais refletimos sobre o conceito de "cigano" buscando entender uma noção geral de um todo, tanto mais indistinto e indefinido ele se torna. E por muitas vezes, há consequências sobre a forma de definir a devida categoria com a qual tratamos esse povo, mas essa também pode ser uma maneira de enfatizar sua importância.<sup>12</sup>

O desafio da abordagem deste material se consolida ao apresentar um longo caminho a percorrer na construção e no desenvolvimento do conhecimento histórico dentro da cultura de povos itinerantes. Embora o contato com esses povos não seja recente, é memorável levar em conta que as comunidades estão vivas e em movimento, numa característica para além do registro com a qual estamos acostumados. Registro no qual é baseado e estruturado uma cultura conhecida como ocidental, pautada numa funcionalidade burocrática e sistêmica.

*"Por causa da maneira pela qual as categorias estão incrustadas nas políticas e nas práticas, tendem a se tornar estáticas e retificadas"*<sup>13</sup> Logo, é importante nos atentar ao silêncio com o qual lidamos com o assunto, não podemos continuar apáticos a essa temática que deveria ganhar uma importância diferenciada, justamente pela sua forma heterogênea de resistir. É necessário a busca pelo entendimento dessas comunidades, apresentando suas diferenças discrepantes entre si, ou entre a sociedade majoritária, compreender sua complexidade cultural de forma com que não desviássemos do caminho da construção do conhecimento, sem cair nas falácias da vitimização.

---

<sup>11</sup> Nicolas Ramanush, grupo sinti-valshstike, presidente da Embaixada Cigana do Brasil - Phralipen Romane. Generalizações oriundas da Crença e Comportamento Social. 2012.

<sup>12</sup> BURBULES, Nicholas C. – Uma gramática da diferença: P.185.

<sup>13</sup> BURBULES, Nicholas C. – Uma gramática da diferença: P.183

**Referências Bibliográficas:**

- FERRARI, Florência. -Um olhar oblíquo: contribuições para o imaginário ocidental sobre o cigano. Departamento de Antropologia Social – USP. São Paulo, 2002.
- BHABHA, Homi K. – O Local da Cultura. Belo Horizonte, 1998. Editora UFMG.
- RAMANUSH, Nicolas. - Cultura cigana, nossa História por nós, Parte II. 2002. Fundação Biblioteca Nacional. ISBN do editor: 909161.
- MELLO, Marco Antônio da Silva & VEIGA, Felipe Berocan. PGA/ICHF-UFF e LeMetro/IFCS-UFRJ. Os Ciganos e as Políticas de Reconhecimento: Desafios Contemporâneos. Associação Brasileira de Antropologia.
- BURBULES, Nicholas C. Uma gramática da diferença: algumas formas de repensar a diferença e a diversidade como tópicos educacionais. In: GARCIA, Regina Leite; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa (orgs). Currículo na Contemporaneidade: incertezas e desafios. Trad. Silvana Cobucci Leite, Beth Honorato, Dinah de Abreu Azevedo. 4ª ed, São Paulo: Cortez, 2012.
- RESOLUÇÃO Nº 3, DE 16 DE MAIO 2012 (\*) Define diretrizes para o atendimento de educação escolar para populações em situação de itinerância. MEC – Ministério da Educação. CNE/CEB – Conselho Nacional de Educação / Câmara de Educação Básica.
- História em Debate: 3º - Simpósio Internacional de História Pública - História Pública em Debate. 2017, URCA - Universidade Regional do Cariri. Formato de vídeo hospedado no site Youtube.